NOTAS HISTORICAS

DA

CIDADE DE SOBRAL

PELO

Padre Fortunato Alves Linhares

Sobral, Abril de 1922

Habitantes primitivos da Ribeira do Acarahú. Tribus, Migrações. Primeiros Sismeiros das terras Acarahúanas para estabelecimentos de fazendas de criar gados. A Origem do Povoado. A fazenda Caiçára. A matriz primitiva. Antonio Rodrigues Magalhães. O Pe. Antonio de Carvalho.

Ainda que não esteja bem elucidado pela Historia Patria quaes os povos indigenas que habitavam a grande bacia do Acarahú, é quasi certo que a occupavam pelo menos desde a fóz até a sua confluencia com o Jaybaras os indios Potyguaras ou Petiguaras, possuidores das terras litoraneas - do Rio Grande do Norte ao grande rio Parnahyba entre o Piauhy e o Maranhão. Por sua vez os Tabajaras, senhores das Serras, estacionavam nos sertões intermediarios dos dois rios e da Cordilheira de Ibyapaba, do que ainda guardam os velhos sertanejos do logar vestigios de antigas tradições.

Nas suas adjacencias campeavam as tribus tapuias dos Tremembês, aldêados que foram na Almofala, perto da praia, e os Acriús ou Arariús fixados em povoação á margem do rio Groahyras, na quasi confluencia com o Acarahú, povoação que houve o nome do fundador, Lourenço Guimarães.

Em consequencia da Guerra Hollandeza, 1630—1654, familias varias da Bahia, Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte, tangidas pelos horrores da guerra e pelo odio sectario dos Hollandezes, procuraram, abandonando o litoral, refugiar-se no interior do Ceará, estabelecendo-se primeiramente no valle uberrimo do Jaguaribe e affluentes, onde fundaram grandes fazendas de criar gados; em seguida levantaram «bandeiras» para a conquista de novos rios, de maneira que mui depressa veiu a ser todo o Ceará occupado pelos invasores de origem lusitana que, perseguindo tenazmente as tribus indigenas, reduziram nas á sujeição ja pela catechese, ja pelas armas, quando delles encontravam embaraços ás suas conquistas e occupação das terras.

Pelo mar vieram tambem povoadores para o Ceará, sendo esses quasi exclusivamente de Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte. Desta origem, affirma o Cel. João Brigido, são as familias que primeiro se estabeleceram na bacia do Acarahú, rios e ribeiros ao Norte do Mucuripe.

As primeiras migrações nos sertões do Acarahú datam mais ou menos do melado do seculo XVII, como se vê dos mais antigos documentos conhecidos de concessão de terras por Sismaria.

Confirma-o uma antiga data concedida a 8 de Novembro de 1682 pelo Capitão-mor Bento de Macedo Farias ao Capitão Bento da Silva, Jorge Coêlho de Sousa e a outros, moradores todos nas Capitanias de Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte, em 50 leguas de terra pela costa abaixo a contar do rio Pará (?) ao rio Mundahú, nellas comprehendida entre outras a bacia do Acarahú.

E' de opinião Antonio Bezerra que o primeiro pon-

to habitado da região de Sobral deveria ter sido a povoação do Riacho de Guimarães, onde ja em 1712 existia uma Capella.

Os povoadores da Ribeira não podiam ter outra procedencia, pois ja em 1683, aos 23 de Setembro, Manoel de Góes e mais seis companheiros, naturaes da Capitania de Pernambuco, cujos appellidos eram : «Pereira, Almeida, Da Ruda, Abreu, Fernandes, Vasconcellos», todos troncos de familias que ainda existem na região, obtiveram do Capitão-mor Bento de Macêdo uma data de sismaria de trez legôas de terra para cada um pelo rio Acaracú (Acarahú) acima a começar das *Aguas Doces* do dito rio, prefazendo ao todo vinte uma legoas de terra, estendendo-se mais ou menos a sismaria até o local onde foi edificada a povoação do Riacho de Guimarães.

Para isso levantaram elles *bandeira,* como era costume do tempo, e atiraram-se á conquista de terras ao selvagem bravio e anthropophago, comboiando para estes invios sertões desde aquella remota Capitania rebanhos de gado vaccum e cavallar, numa distancia de dusentas legoas, apezar de mil obstaculos que os teriam superado atravez de mattas impenetraveis, de rios caudalosos ou de campos interminos requeimados dos ardores de um sol de brasa, si não fôra a perseverança e tenacidade dos chefes.

E' força confessar, porém, que antes destes ja o Capitão Felix da Cunha Linhares se havia fixado á margem direita do Rio, onde mais tarde fundou a povoação de S. José.

A fundação da Cidade parece proceder do movimento, que ainda hoje se nota em casos identicos nos nucleos de população, que se vão formando na epocha actual. E' bem sabido entre nós que muitas das nossas opulentas cidades modernas houveram origem humilde na existencia de uma capella em «fazenda» de criar gados de rico proprietario, onde em determinados dias do anno se reuniam, em grandes massas, as familias das serras ou sertões adjacentes, mesmo de partes

mais remotas, para assistirem á festividade do Padroeiro, celebrarem casamentos, confessarem-se ou baptisarem os filhos.

Sacerdotes havia-os poucos n'aquelles tempos; era forçoso aproveital-os, quando por estas paragens surgia algum em *desobriga* ou *missões* a mandado do Bispo de Pernambuco, a cuja diocese pertencia, então, o Ceará.

Esta foi, sem duvida, a origem da Cidade de Sobral que, collocada no ponto de intersecção das estradas, que das praias e das serras situadas á leste se dirigiam á fertil região da Ibyapaba, tinha ainda a seu favor a proximidade da serra de Meruoca, de clima ameno e doce, que a abastecia fartamente de cereaes e canna de assucar, encontrando nellas os elementos de prosperidade que a fizeram sobrepujar ás povoações mais antigas--de S. José e do Riacho de Guimarães: tanto assim que em 1740 o Visitador Pe. Dr. Lino Gomes Corrêa, que nesta Ribeira ja estivéra em 1735, quando obrigou que se fizesse uma doação á Capella de N. S. do Rosario do Riacho de Guimarães, sob pena de ficar interdicta, encontrando aqui melhores proporções para o desenvolvimento de um povoado, ordena que se fáça uma matriz determinando, diz o Pe. Dr. João Ribeiro Pessôa, «este logar da Caissara» *fazenda* de crêar do Capitão Antonio Rodrigues Magalhães e de sua mulher D. Quiteria Marques de Jesus, que doaram para patrimonio do Orago da nova Matriz de N.ª S.ª da Conceição cem braças de terra em quadro. Em vista do que o Rvmo. Padre Cura Antonio de Carvalho e Albuquerque, natural de Iguarassú, por provisão do Exmo. Sr. Bispo de Olinda D. Frei de Santa Thereza, deu inicio á construcção da matriz no anno de 1746, servindo, então, como de matriz a Capella de N. S. do Rosario do Riacho de Guimarães desde o anno de 1734.

Até essa epocha, que foi quando aqui chegou de cura o Rvmo. Pe. Isidoro Rodrigues Resplende an-

davam os curas quasi vagando por toda a freguezia, mas recolhendo-se para alguma festividade, como em matriz, á Capella de N.ª S.ª da Conceição em S. José.

Diz o Pe. Dr. João Ribeiro Pessôa nas suas «Noticias da freguesia de N.ª S.ª da Conceição da Caissára dadas no anno de 1767» que em 1712 veiu para esta Ribeira do Acaracú o Pe. João de Mattos Monteiro, chamado vulgarmente o Pe. João de Mattinhos, como coadjuctor ou administrador de seu tio o Pe. João de Mattos Serra, vigario do Ceará, a cuja freguesia pertencia, então, esta dicta Ribeira, e nesta occasião esteve quatro ou cinco annos, tempo em que o pediram os moradores do logar por cura ao Rv.do Cabido *sede vacante*; no que convindo o parente vigario se creou este Curato que comprehendia desde o rio Mundahu até a serra da Ibyapaba inclusive, e se obrigaram os moradores a pagar-lhe de *conhecença* um boi por *fazenda*.

Exerceu elle com bôa acceitação até o anno de 1724 o cargo de cura, vindo-lhe succeder o Pe. Pedro da Cunha, natural do bispado de Pernambuco, que não o acceitando os freguezes, retirou-se sem tomar posse: veiu, então, o Pe. José Dias Ferreira, natural de Portugal, e esteve no Curato seis mezes mais ou menos pelo anno de 1725.

Nesse mesmo anno veiu curar a freguezia o Pe. João da Costa Ribeiro, de nacionalidade portugueza, o qual esteve na administração do Curato até o anno de 1729, datando d'ahi os primeiros assentos de baptisados.

A povoação da Caiçara elevada á cathegoria de villa com o nome de Sobral por Carneiro e Sá. A cidade. O municipio. Reunião da 1.ª Camara. A comarca.

Com o nome de Villa Distincta e Real de Sobral o Ouvidor Carneiro e Sá erigiu, a 5 de Julho de 1773 em villa a primitiva povoação da Caiçara, que mais tarde foi elevada á cidade pela lei provincial n.º 229,

de 12 de Janeiro de 1841, com o titulo de Fidelissima Cidade de Januaria do Acaracú, lei revogada pela de n.º 244, de 25 de Outubro de 1842, a qual restabeleceu a antiga denominação de Sobral.

E' o seguinte o termo do levantamento do pelourinho na povoação da Caiçára :

«Aos cinco dias do mez de julho de 1773 annos nesta povoação da Caiçara, Capitania do Ceará Grande, no terreno do meio della, onde veiu o Doutor Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca João da Costa Carneiro e Sá, commigo escrivão do seu cargo adeante nomeado, e mais parte das pessôas mais capazes do povo deste termo, e sendo no logar do pelourinho, que o dicto ministro mandou fazer, e ahi por mim escrivão foi communicado a todas as pessoas presentes o transumpto da carta do Exmo. Governador de Pernambuco, edital e ordem de Sua Magestade Fidelissima, tudo copiado na certidão retro, depois do que por ordem do dicto ministro em voz alta e intelligivel pelo meirinho geral da Correição João dos Reis foi dicto trez vezes :

«Real ! Real! Real ! Viva o nosso Rei Fidelissimo, o Senhor Don José de Portugal ! Cujas palavras repetiu todo o povo em signal de reconhecimento da mercê que recebia do mesmo Senhor pela erecção desta nova villa de Sobral.

E tudo para constar mandou o dicto ministro fazer este termo em que assignou com todos os presentes. Eu Bernardo Guimarães Pessôa, escrivão da correição, o escrevi. Carneiro e Sá. Bento Pereira Vianna, Jeronymo Machado Freire, José de Xerez Furna Uchôa, Sebastião de Albuquerque Mello, Luiz de Sousa Xerez, Alexandre de Hollanda Corrêa, Vicente Ferreira da Ponte, Manoel Coêlho Ferreira, José de Araujo Costa, Manoel da Cunha, Antonio Miguel Pinheiro, João Marques da Costa, Feliciano José de Almeida, Manoel Ferreira Torres, André José Moreira da Costa Cavalcante, Manoel de Sousa Carvalho, Miguel Alvares Lima, Antonio de Carvalho e Sousa».

Nesse mesmo dia foram eleitos para juizes ordinarios o Sargento-mór Sebastião de Albuquerque Mello e o Capitão Manoel José do Monte, o Capitão Manoel Coêlho Ferreira e o Capitão Vicente Ferreira da Ponte; para procurador Antonio Furtado dos Santos e para Juiz de orphãos Gregorio Pires Chaves.

No dia 7 houve a primeira reunião da Camara da Villa Distincta de Sobral.

SOBRAL COMARCA

Em consequencia do Acto Addicional (Lei de 12 de Agosto de 1834) que dava, em seu art. 10—attribuição ás Assembléas Provincias para fazer a divisão administrativa e judiciaria da Provincia, a lei provincial n.° 52 de 25 de Setembro de 1836 manteve a Comarca de Sobral, tal como já existia desde 1825.

A Comarca de Sobral actualmente é composta do termo e municipio de sua séde, uma vez que lhe foram desannexados os termos de Massapê e d'Entre Rios, sendo extincto o municipio de Meruoca, cujo territorio, em sua maior parte, foi encorporado á nova Comarca de Massapê.

A' comarca de Sobral, porém, estam annexados, della fazendo parte, os districtos policiaes de Cariré, de Santo Antonio do Aracaty-assú e de Santa Maria.

O local da cidade. Causas da expansão da Villa. O gado Caracú. Opinião do illustre engenheiro Dr. Theodoro Sampaio. O que diz o Dr. Eurico Martins.

A cidade occupa o mesmo terreno (1), onde outr'ora fôra construida a povoação na primitiva fazenda Caiçara, cujo nome tomou.

(1) A' margem esquerda do Acarahú na sua confluencia com o Jaybaras. 3° 30' 20'' L. S.

Graças á sua posição, á amenidade do clima suavisado, durante os ardores do estio, pelos ventos aliseos, á approximação das serras de Meruoca e Rosario, prolongamento d'aquella, serras uberrimas em productos agricolas, e ainda á cordilheira de Ibyapaba, que não lhe fica longe, intermediando-lhe apenas uns 60 kilometros, (distancia que hoje em automovel se faz em trez horas de viagem, de poisque foi construida a estrada de rodagem entre esta cidade e a Ibyapina, posto que ainda não terminada), a povoação expande-se rapidamente, cresce, avoluma-se, desenvolve-se, torna-se centro de grande commercio, attrahindo ao seio as populações adventicias de procedencias varias, maximè portuguezas e mestiças vindas directamente do Reino ou das Capitanias limitrophes, principalmente de Pernambuco e Rio Grande do Norte, que aqui encontravam meios certos e seguros de se enriquecerem dedicando-se á criação de gados mais facil, productiva e remuneradora na Ribeira do Acaracú do que em qualquer outra parte.

Dahi a origem do nome «Caracú» dado á raça bovina, que aqui se fez, disseminando-se, em breve trecho, pelos dilatados sertões brasileiros, e que pela sua grande capacidade de resistencia, belleza de formas, productividade de leite e de saborosa carne e ainda pela sua rusticidade é preferida por muitos a quantas raças exoticas vindas ultimamente do extrangeiro.

Corroborando o affirmado acima, ouçamos o que, a pretexto, nos diz o Dr. Theodoro Sampaio, Engenheiro Sanitario de S. Paulo, sobre a origem d'«O gado Caracú», artigo publicado no Jornal do Commercio do Rio :

«A leitura do bello trabalho do Dr. Firmino Rodrigues Silva Junior, acerca do gado caracú, me suggere as seguintes observações relativas á origem ou procedencia do nome dado a essa variedade do gado bovino, que tam eminentes qualidades revela nos claros e ridentes geraes do Estado de Minas, como nos campos do Sul, de S. Paulo ao Rio Grande.

Parece-me não ser preciso viajar á Asia, percorrer

as costas da India para descobrir, como o Dr. Firmino pretende, na corruptela do nome «Calicut» a origem do nome Caracú. O problema parece-me, se não me engano, muito mais facil.

No Ceará, terra votada á criação de gado, desde os primeiros annos de sua conquista pelos Portuguezes aos valentes Potyguaras, está a região que, com toda a probabilidade, servia de *habitat* a essa especie bovina, que trez seculos de adaptação tornaram excellente.

Quem conhece a historia da conquista das costas do norte do Brasil no seculo XVII e a invasão hollandeza nessa parte do Paiz, convirá com o Dr. Joaquim Carlos Travasso que com a introducção de algumas raças de procedencia flamenga que se cruzaram com as introduzidas pelos Portuguezes e Hespanhóes, já então aclimadas, veiu o excellente producto que recebeu o nome de Caracú, nome que aliás o mesmo Travasso não sabe como explicar.

Entretanto a explicação não se afigura a mim, como disse, tam difficil.

Logo que os Portuguezes expulsaram os Francezes da ilha do Maranhão, em 1616, as costas do Norte desde o rio Jaguaribe até o Parnahyba se fôram povoando e recebendo importantes e numerosas fazendas de criação ao longo da unica estrada então existente, a qual, sahindo dos ultimos estabelecimentos agricolas do Rio Grande do Norte, tomava pelo litoral até attingir o porto de Jericoacoára, no Ceará.

Nesse porto se deixava a travessia por terra e se ganhava por mar a sobredicta ilha do Maranhão.

Jericoacoára tornou-se por isso um porto importantissimo para as communicações com o extremo Norte, cuja conquista pelos Portuguezes então se iniciava.

E' junto de Jericoacoára que vem ter ao mar o ribeiro do Acaracú, como escreveu o auctor da «Geographia Brasileira», padre Manoel Ayres de Casal, ribeiro cujas pastagens, desde esses remotos tempos, se tornaram famosas pelo excellente e numerossismo gado que nellas se criava. Do Ceará, cujos sertões cêdo se povoa-

ram de gado bovino, sahia então supprimento não so para o Piauhy, Maranhão e Pará, capitanias então novamente criadas, como para as mais capitanias que pelo interior das terras se avisinhavam.

A Bahia, Pernambuco, Parahyba, Goyaz e Minas Geraes, pelo valle do rio S. Francisco, recebiam manadas de gado cearense que depois de estacionarem nas catingas do Quixeramobim, por occasião das feiras, seguiam pelo Quixelô e pelo Crato a transporem a Serra do Araripe, ganhando o valle de S. Francisco para d'alli se repartirem pelas ditas Capitanias.

Cêdo grangearam fama os productos da industria pastoril do Ceará; e mui provavel é que a longa adaptação nas varzeas do Ceará de um producto cruzado do gado Flamengo, producto capaz de resistir ás periodicas e aturadas seccas dessas paragens, fosse o principio dessa excellente variedade, cujo nome nos campos do Sul lembra ainda a terra de origem.

O nome «caracú» é, de facto, uma corruptela, não do nome daquella cidade indiana tam celebre na epopea dos «Lusiadas», mas do vocabulo tupy «Acarahú», de que a ultima particula fortemente aspirada, como a pronunciava o gentio potyguara, se corrompeu em labios portuguezes, transformando «Acarahú» em «Acaracú», depois ainda pelo vulgo ignaro em «Caracú», como ainda hoje se diz.

Ainda a proposito da procedencia do «Caracú» o illustre agronomo Dr. J. Eurico Dias Martins tractando do problema zootechnico no Ceará deixa pensar que nosso gado creolo, o gado nacional por excellencia—o «Caracú»—é descendente de raças diversas, entre outras—ibericas com a aquitanica pela variedade limosina, raças que tanto concorreram para a formação de nossos rebanhos.

A introducção desse gado bovino no Ceará teria sido feita pelo Norte, quando os Francezes, senhores do Maranhão, occuparam a Ibyapaba.

Tendo sido estabelecidas as primeiras fazendas de criar no litoral do Norte do Estado, diz ainda o Dr. Eu-

rico Martins, é *muito provavel* que o nome «*Caracú*» *provenha* do *rio Acaracú*, corruptela de Acarahú, em cujos sertões, ricos de pastagens nutritivas, se teria feito a nova raça pelo cruzamento dos melhores typos.

Publicando a nota acima pretendemos, com muita razão e justiça, reivindicar para o Ceará a primazia que lhe cabe como tendo sido seu territorio o *habitat* primitivo, onde por cruzamentos varios e expontaneos entre gados de origem flamenga, iberica e aquitanicas se formou, atravez de 300 annos, apezar de seccas repetidas e prolongadas, a bella raça de gado nacional — geralmente conhecida por *Caracú*, nome que recorda o rio, a cuja margem se ergue nossa bella cidade, que mui pittorescamente o illustre Cel. João Brigido, em artigo publicado sobre *Sobral*, quando por aqui esteve, diz que, sendo ella o producto do boi, devêra chamar-se *Pecuaria*.

A LENDA DE FREI CHRISTOVAM

Affirmam nossas velhas tradições lendarias, muitas das quaes ainda conservadas pelo povo, que a primitiva capella que deu origem á povoaçao foi construida sobre a sepultura de um Padre morto ás flechadas pelos Tabajaras, emquanto acompanhavz um troço de Portuguezes que os perseguiam.

Aproveitando-se vantajosamente de umas grandes pedras que existiam sobre uma pequena collina, ahi se intrincheiraram os selvagens, conseguindo assim escapar ás investidas de seus perseguidores; o local, onde se teria dado a lucta, ficou conhecido por «Fortaleza»; liam-se nas pedras, hoje transformadas em paredes da «Fabrica de Tecidos dos Srs. Ernesto Ribeiro», grandes letras enigmaticas ou hyerogliphicas commemorando, talvez, o luctuoso acontecimento.

O facto parece prender-se ao tempo da vinda de Frei Christovam de Lisbôa que, acompanhado de quatro sacerdotes e de vinte e cinco homens d'armas, partira por terra do Maranhão pelo anno de 1620 em busca do

Ceará, onde pretendia fazer a catechese de nossos selvicolas, conseguindo, dizem ainda as tradições, converter á Fé Catholica muitos dos chefes de tribus, entre outros Jacaúna, irmão do grande Poty, ja então baptisado, o qual capitaneava a guerreira tribu dos Potyguaras nos campos do Acarahú.

A antiga freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Sobral. A cidade dividida em duas freguesias e séde do Bispado de Sobral.

Em 1758 por ordem do Exmo. Sr. Bispo de Pernambuco D Francisco Xavier Aranha foi dividida esta freguesia, que comprehendia desde o rio Mundahú até a serra de Ibyapaba inclusive, em quatro curatos, a saber: o da Amontada; o do Curiahú; o da Serra dos Cocos e este da Caiçára, ficando aqui de cura no mesmo anno o Rvmo. Pe. Manoel da Fonseca Jayme, natural de Olinda, até 1762, quando aqui esteve de Visitador o Rvmo. Pe. Dr.. Virissimo Rodrigues Rangel, que ordenou se recolhessem os livros das Capellas ao Cartorio da Vara e se fizessem outros livros dos quaes constassem os officios e actos parochiaes, os registos dos testamentos de alternativa ecclesiastica, despesas e receitas das Irmandades, lançamentos de baptisados e obitos.

Succedeu-lhe o Rvmo. Pe. Dr. João Ribeiro Pessôa, auctor das «Noticias da freguesia de N. Senhora da Conceição» dadas no anno de 1767, e que é o documento mais exacto que temos sobre as origens da actual e importantissima Cidade de Sobral.

Aqui falleceu elle em 1786. Era tio de Rvmo. Pe. Dr. João Ribeiro Pessôa que foi uma das victimas da revolução de Pernambuco em 1817.

Foi elle o edificador da actual matriz, bello e magestoso templo, com duas torres magnificas que medem 31 metros de altura: serve agora de Cathedral do Bis-

pado de Sobral, creado pela Santa Sé no anno de 1915, sendo seu 1.º bispo o vigario de então o Rvmo. Pe. Dr. José Tupynambá da Frota, filho desta cidade e que tomou posse da nova Diocese em 24 de Julho, tendo sido sagrado pelo Arcebispo Primaz do Brasil—D. Jeronymo Thomé da Silva, na Capital da Bahia, em Maio do mesmo anno.

Constava n'aquelles tempos a freguesia de N. S. da Conceição da Caiçara, hoje de Sobral, de 15 leguas, desde a barra do rio Acarahú (1), principiando ao N. na Picada dos Castelhanos até a Picada do Itapagé. Pela Ribeira acima tinha 34 leguas de comprido até onde findava a freguesia ao Pé da Serra Grande, abaixo do Campo Grande; e de largo 30 legoas, principiando da bocca da Picada do Quixeramobim até a Picada do Caiá, e assim ia estendendo-se ou estreitando-se até quinze legoas, quanto tinha de costa.

Ja no parochiato do Rvmo. Pe. João Ribeiro funccionavam trez Irmandades na séde da freguesia, datan. do de 1747 a criação da Irmandade do S. S. Sacramento, tempo em que era cura o Rvmo. Pe. Antonio de Carvalho Albuquerque, tendo sido approvados os estatutos de seu compromisso pelo Revmo. Visitador Pe. Dr. Manoel Machado Freire; a de N. S. da Conceição no anno de 1758, sendo parocho o Revmo. Pe. Manoel da Fonseca Jayme, constando ser do mesmo tempo a erecção da Irmandade das Santas Almas.

Contavam-se ja na povoação, como affirma o Pe. João Ribeiro, 75 casas, das quaes 53 de telhas.

A população computava-se em vinte e uma mil almas de confissão e 670 fogos, sendo 105 destes—fazendas de criar.

Além da Matriz que erigiu sobre os escombros da outra edificada pelo Pe. Antonio de Carvalho Albuquerque no anno de 1746, o Pe. João Ribeiro enumera mais cinco capellas, a saber :

---

(1) 2º 55'' L. sul do Equador, diz o Pe. Dr. João Ribeiro.

A de S. José, sob a invocação de N. S. da Conceição, construida em 1718 pelo Capitão Felix da Cunha Linhares, que lhe doou meia legua de terra no mesmo sitio de S. José e mais 50 vaccas de criar.

Como ameaçasse cahir em ruinas foi depois reedificada pelo Capitão Domingos da Cunha Linhares, seu sobrinho, no anno 1763. Não distando mais do que duas legoas e meia, de Sobral, fica á margem direita do rio Madeira quasi na sua confluencia com o Acarahú.

A de Meruoca, hoje matriz de N. S. da Conceição de Meruoca, sobre a serra do mesmo nome, erecta em 1728 pelo cura João da Costa Ribeiro, de licença do Exmo. Sr. D. José Fialho, de Pernambuco.

Sebastião de Sá e sua mulher D. Cosma Ribeiro doaram-lhe para patrimonio em 1724 meia legoa de terra, onde foi edificada a capella, e mais cem vaccas paridas e uma engenhoca de fazer mel.

A capella de N. S. da Conceição de Santa Cruz, edificada em 1732, reedificada por ordem do Visitador Pe. Dr. José Teixeira de Azevedo.

Domingos de Aguiar de Oliveira fez-lhe patrimonio de meia legoa de terra, 40 vaccas e 6 eguas. Pertence hoje á freguesia do Acarahú.

A capella de N. S. do Rosario do Riacho de Guimarães, cuja creação não consta ao certo. Foi sagrada pelo Rvmo. Visitador Pe. Felix Machado Freire, tio de Jeronymo Machado Freire, no anno de 1740, sendo cura da freguesia o Pe. Lourenço Gomes Lelou.

Muitos annos esteve essa capella sem patrimonio certo. So em 1735 foi elle feito pelo Alferes Lourenço Guimarães de Azevedo; todavia a escriptura da doação foi nulla por vencer num pleito o cego Joaquim Torres, que fez nova escriptura de doação, no anno de 1751, á mesma Senhora do Rosario para patrimonio da capella, de 100 braças de terra em quadro no mesmo logar, onde está edificada a capella. Esse patrimonio foi accrescentado de mais uma legoa de terra em quadro, 60 vaccas e 7 bestas (eguas) por doação

feita por Manoel Madeira de Mattos e sua mulher D. Francisca de Albuquerque.

De Manoel Madeira de Mattos diz a tradição que não era elle outro senão José Polycarpo de Azevedo Tavora, filho do Marquez de Tavora, que para evitar as perseguições do Marquez de Pombal, das quaes fôra victima toda a familia, fugiu primeiramente para a Africa, depois para o Brasil, fixando-se definitivamante no Riacho de Guimarães, depois de ter estado no Piauhy sob o nome de Manoel Madeira de Mattos.

Ahi nasceu o Pe. Gonçalo Ignacio de Loyola Mororó, victima da republica do Equador.

A capella de N. S. Sant'Anna, erecta em 1738 pelo cura e vigario Pe. Elias Pinto de Azevedo por ordem de D. José Fialho, tendo-lhe feito patrimonio de meia legoa de terra o Pe. Antonio dos Santos da Sylveira. E' hoje séde da freguesia de Sant'Anna do Acarahú.

*
* *

Com a creação do Bispado de Sobral feita pela Santa Sé em 1916 houve por bem o Exmo. Sr. Bispo D. José Tupynambá da Frota dividir a freguesia em duas parochias: 1.ª O Curato da Sé sob a invocação primitiva de N. S. da Conceição, e a freguesia de N. S. do Patrocinio, facto esse dado a 24 de Setembro de 1916.

Seu primeiro vigario foi o Rvmo. Pe. José de Lima Ferreira, que esteve no parochiato de 1918 a 1919, sendo o primeiro cura da Sé o Revmo. Pe. Francisco Leopoldo Fernandes Pinheiro de 1916 a 1919, substituido pelo Rvmo. Pe. Eurico de Mello Magalhães, que egualmente se encarregou da parochia do Patrocinio até Setembro de 1921, tempo em que para esta foi nomeado de Vigario o Rvmo. Pe. Francisco Leopoldo, servindo-lhe de coadjuctor o Rvmo. Pe. Joaquim Severiano de Vasconcellos.

Ha dentro do perimetro urbano as seguintes egrejas ou capellas: No curato da Sé: A capella do Menino Deus, fundada em 1825 pelas religiosas carmelitas

Merenciana e Thereza, que eram irmans, naturaes da Bahia, donde para aqui vieram em 1810. A seu respeito ainda se eonservam na memoria do povo factos admiraveis.

A de N. S. do Livramento, que occupa o antigo local da capella de N. S. do Bom Parto, á rua do Pe. Fialho, edificada em 1855 pelo Pe. Antonio da Silva Fialho, que foi notavel latinista, sendo aqui professor publico de latim por muitos annos.

A de N. S. das Dores, bella capella construida em 1872 sob a direcção do Sr. Franklim de Sousa Neves, á margem do Acarahú.

A de S. Francisco, iniciada em 1871 e terminada em 1896 a esforços do Pe. Fortunato Alves Linhares e do Cel. José Sylvestre Gomes Coêlho, faltando-lhe ainda os corredores.

O Curato conta ainda com as capellas seguintes, situadas em diversos pontos ruraes da freguesia:

A de S. Francisco das Chagas do Campo Novo distando apenas da matriz quatro legoas; edificada pelo Rvmo. Vigario Pe. Vicente Jorge de Sousa em 1888.

Devendo ficar completamente submergida com toda a povoação pelas aguas do Açude Forquilha, iniciado em Junho de 1919 pelo Engenheiro Dr. Romulo de Campos e actualmente sob a direcção do Sr. J. Baptista Demetrio, será mudada para um local um pouco acima em terras doadas pelo Capitão José Diogo de Siqueira.

A de Santo Antonio, da Estação de Cariré, á margem da E. F. de Sobral ao Ipú. Bella capella em forma de cruz, planta do Engenheiro Dr. João Thomé de Saboya e Silva, com dois altares lateraes, além do principal consagrado a Santo Antonio. Edificada sob os auspicios e direcção dos Srs. Arcelino de Oliveira Freire e Pe. João Rodrigues dos Santos, foi sagrada canonicamente pelo Vigario Pe. Vicente Jorge de Sousa.

A capella de Santo Antonio do Muquem á margem da Estrada. Pequena e em ruinas, della resta apenas a capella-mor. Fez-lhe patrimonio de terras o Sr. João

Telles de Athayde, que muito interesse tomou pela construcção da capella. Foi edificada em 1894. Era Vigario o Revmo. Pe. Vicente Jorge.

A freguesia de N. S. do Patrocinio conta na cidade com a capella de N. S. da Saude, a egreja de N. S. do Rosario e mais 5 capellas ruraes, a saber:

A de S. Vicente de Paulo á esquerda do rio Jaybaras, trez kilometros abaixo do grande reservatorio do mesmo nome, ja estudado pela commissão Romulo com capacidade para trezentos milhões de mc. e apenas distante de Sobral 18 kilometros. Edificada em 1890 pelo Vigario Pe. Vicente Jorge de Sousa auxliado pelo Capitão Vicente Bezerra de Araujo, que doou a S. Vicente de Paulo, orago da capella, 100 braças de terra em quadro.

A capella de N. S. da Saude sobre a Serra do Rosario, a cavalleiro do açude Jordão, que dá nome ao povoado, situada a 550 metros acima do nivel do mar e de clima agradabillissimo. Construída em 1896 pelo Sr. Major José da Paschoa Loreto, sendo vigario o Rvmo. Pe. Vicente Jorge de Sousa.

A de N. S. da Conceição da Taquara á margem esquerda do rio Jaybaras um pouco acima da represa do reservatorio estudado do mesmo nome.

E' pequena e mal construida. Edificada em 1894.

A capella de S. João á direita do rio Pacujá, um dos formadores do rio Jaybaras. Edificada em 1880 pelo Rvmo. Vigario Pe. Vicente Jorge de Sousa

A de N. S. da Conceição na fazenda «Recreio», propriedade do Sr. Antenor Ferreira Gomes, ao pé da serra do Carnotim.

* * *

Os habitantes das duas freguezias são catholicos practicantes, não havendo protestantes nem crentes de outros credos religiosos a não ser um ou outro judeu syrio ou turco que por aqui trafique.

A religiosidade do povo revela-se no grande n.º de templos catholicos, que monumentalisam a fé dos que

os erijiram como testemunho de sua crença na religião do divino Crucificado.

Ha aqui muitas Irmandades e Associações religiosas, entre outras as Conferencias de S. Vicente de Paulo, o Circulo Catholico dos operarios, que conta com grande numero de socios, sob a direcção dos Rvmos. Padres Vigarios Eurico de Mello Magalhães e Joaquim Severiano de Vasconcellos.

Não ha nem consta houvesse na cidade ordens religiosas reclusas, d'onde não haver aqui conventos de frades ou freiras a não ser um pequeno claustro contiguo á igreja do Menino Deus, outr'ora residencia de algumas senhoras piedosas, que nelle se recolhiam, entregando-se á vida contemplativa, claustro hoje occupado pelo Collegio de N. S. d'Assumpção sob a habil direcção da intelligente preceptora D. Maria Jesuina Rodrigues d'Albuquerque.

Houve ainda aqui uma *Casa de Caridade*, dirigida por senhoras que, trazendo os cabellos cortados e vestindo habitos de Carmelitas, eram tidas por freiras da Ordem do Carmo.

As que habitavam o claustro do Menino Deus observavam as mesmas regras e foram associadas como em religião pelo Revmo. Pe. Missionario Dr. José Antonio de Maria Ibyapina, que, aqui, missionou em 1862. Verdadeiro apostolo, foi o Pe. Ibyapina o grande evangelisador dos sertões do Ceará, Parahyba, Pernambuco e Piauhy, deixando por onde andava importantes Casas de Caridade e associações de senhoras religiosas vestidas de habitos do Carmo.

Christianisando nossos vastos e incultos sertões, nelles é immorredoura ainda hoje a memoria do grande e santo Missionario Sobralense.

CURATO DE SOBRAL

1712—1744

Segundo um quadro existente na Cathedral foram estes os curas de Sobral:

1.º Cura João de Mattos Monteiro, portuguez. 1712—1724.

2.º Cura José Dias Ferreira, portuguez, 1725, 6 mezes.

3.º Pe. João da Costa Ribeiro, portuguez, 1725—1729.

4.º Cura Isidoro Rodrigues Resplande, portuguez, 1730—1734.

5.º Elias Pinto de Azevedo, portuguez, 1735—1740.

6.º Cura Lourenço Gomes Lelou, brasileiro, Olinda, 1740—1744.

VIGARIOS

1.º Pe. Antonio de Carvalho Albuquerque, de Iguarassú, o edificador da primeira matriz, 1744—1758.

2.º Pe. Manoel da Fonseca Jaymes, de Olinda. no seu tempo foi a freguezia dividida em quatro curatos.

3.º Pe. Dr. João Ribeiro Pessoa, o edificador da matriz actual, hoje Sé do Bispado. E' o auctor das excellentes «Noticias da freguesia de N. S. da Conceição da Caissara». No livro de Fabrica da Matriz de Sobral, aberto a 22 de Maio de 1787 por Bernardino Vieira Lemos, Visitador, fl. 1 lê-se :

Aos 19 de Maio de 1787, fabrica inteira do R. Cura João Ribeiro Pessôa, sepultado na Matriz—1$600—1762—1787.

4.º Basilio Francisco dos Santos, natural de Pernambuco. Tomou posse a 12 de Julho de 1787—1798.

Em 16 de Março de 1793, na qualidade de parocho e por ordem do Rvmo. Visitador, o Pe. João Gonçalves Coutinho, benzeu o corpo da egreja Matriz e os corredores. Em 1793 veiu a Sobral como visitador o Rvmo. Pe. José Saldanha Marinho.

5º Alexandre Bernardino Gonçalves de Medeiros, natural da Parahyba, 1805—1837.

Tomou posse da freguesia a 20 de Fevereiro de 1805 pelo seu procurador Pe. Manoel Pacheco Pimentel. Foi o primeiro vigario collado de Sobral.

Diz a tradição que o Rvmo Pe. Gonçalves esteve preso na cadeia publica de Sobral; ignoramos, porém, o motivo de sua prisão.

Ja em seu tempo, 1806, aqui esteve como visitador o Rvmo. Pe. José de Almeida Machado, Cura de S. José dos Cariris. Nesse tempo Santa Quiteria era ainda capella filial desta Matriz.

6.º Pe. José da Costa Barros, natural do Rio Grande do Norte, 1837—1847.

Foi o fundador de varias capellas, entre outras a da Graça e a da Lapa, ao pé da Ibyapaba, hoje pertencentes á freguesia de S. Benedicto.

7.º Dr. Francisco Jorge de Sousa, do Rio Grande do Norte, 1848 – 1866.

8.º Pe. Vicente Jorge de Sousa, natural do Siridó no Rio Grande do Norte, irmão do precedente, 1866—1897.

Durante seu longo parochiato edificou grande numero de capellas: dentro da area urbana, a actual matriz do Patrocinio; a de N S. da Saude, a cujo respeito dizem as notas que me foram dadas pelo meu illustre amigo Sr. Alberto Amaral, distincto conterraneo dado a estudos da historia de nossa terra: «Esta capella edificada em terreno foreiro de N. S. do Rosario, no Junco, suburbio desta cidade, teve seu inicio em 1894, devido aos esforços da octogenaria Francisca Catharina de Jesus, conhecida vulgarmente por Chiquinha da Saude.

No dia 10 de Fevereiro, perante o intendente Rozendo Augusto de Siqueira, o Rvmo. Pe. Vigario Vicente Jorge de Souza e o fiscal Esmerino do Monte Coelho foi dado o alinhamento para a edificação da Capella, começando em seguida as escavações.

Em dias de Novembro do mesmo anno foi collocada no altar-mor a pedra d'ara e ahi logo o Rvmo Vigario Pe. Vicente Jorge de Sousa celebrou com a solemnidade do estylo a missa inaugural».

9.º Monsenhor Diogo José de Sousa Lima, 1897—1908.

Anteriormente tinha sido vigario da freguesia de Saboeiro e mais tarde de Meruoca, donde foi removido para esta.

Durante o tempo de seu parochiato lhe serviu de coadjuctor o Rvmo. Pe. Fortunato Alves Linhares, que ja vinha sendo coadjuctor do Rvmo. Pe. Vicente Jorge, desde maio de 1894.

10. Pe. Dr. José Tupynambá da Frota, actual Bispo de Sobral, 1908—1916.

Edificou o Asylo, bello edificio que fica ao S. O. da cidade. Remodelou, ja como Bispo, o Palacio Episcopal e a Sé.

A FREGUESIA DE SOBRAL DIVIDIDA EM DUAS PAROCHIAS

O Pe. Francisco Leopoldo continuou no governo da parochia ou Curato da Sé, 1915—1916.

Não aceitando o Pe. Fortunato Alves Linhares a nomeação de vigario do Patrocinio, o Rvmo. Pe. Leopoldo foi encarregado pelo Exmo. Sr. Bispo de curar as duas freguesias até a vinda de Rvmo. Pe. José de Lima Ferreira posteriormente nomeado.

Aqui chegando de Ipueiras, onde parochiava, tomou posse do Patrocinio em 1918, deixando-a no anno seguinte.

Foi por esse tempo exonerado, a pedido, do cargo de Cura da Sé o Rvmo. Pe. F. Leopoldo, substituindo-o o Rvmo. Pe. Eurico de Mello Magalhães, o primeiro sacerdote ordenado na Diocese.

Pela falta de sacerdotes o Pe. Eurico foi pelo Sr. Bispo encarregado das duas parochias com a retirada do Rvmo. Pe. Lima até Setembro do 1921, epocha em que o Pe. Leopoldo tomou posse da freguesia do Patrocinio, sendo-lhe coadjuctor o Rvmo. Pe. Joaquim Severiano de Vasconcellos.

Factos politicos e sociaes. A republica do Equador. O Cel. Joquim Ribeiro da Silva. Os balaios. A sedição militar de 1840. O presidente Alencar. A Independencia nacional. O Abolicionismo. A visita de S. Altesa o Conde d'Eu.

Sobral sempre primou pelo espirito pacifico e ordeiro de seus habitantes, pelo que sua historia relativamente a factos ou acontecimentos guerreiros é quasi nulla.

No cyclo epico dos feitos heroicos dos nossos bandeirantes, que são tambem nossos antepassados na conquista de terras aos selvicolas, vimos atraz que renhida lucta se ferira entre gente lusa que avançava atravez do sertão bravio e uma horda de selvagens provavelmente tabajaras ou tapuios—acriús, tendo fallecido na pugna um sacerdote traspassado por flechas inimigas. Este facto teria, por ventura, influido bastante para a fundação da primeira Capella, que foi edificada sobre o local, onde estava inhumado o padre, cujas virtudes preclaras inda são do dominio da tradição.

Antonio Bezerra, o brilhante chronista de nossa Historia, nas suas «Notas de Viagem ao Norte do Ceará» affirma ter Sobral tomado parte no movimento revolucionario da Republica do Equador. E' geralmente sabido a respeito que Francisco Alves Ponte, que aqui se casou e tem descendencia, veiu commissionado pelos chefes de Pernambuco atêar a revolução, deixando de fazel-o por ter sido ella suffocada antes de ter tempo de se propagar nas provincias limitrophes.

Mais tarde a 14 de Dezembro de 1840 deu-se a sedição de soldados, que sob o commando do Major Francisco Xavier Torres e do tenente Joaquim Ferreira de Sousa Jacarandá, voltavam de combater os balaios no Piauhy, contra as forças legaes aqui estacionadas, lucta que visava depôr o presidente da Provincia—Senador Pe. José Martiniano de Alencar, que para aqui se transportara de Fortaleza com o intuito de prevenir a

sobredita revolta. Estava, então, hospedado no palacete de Francisco de Paulo Pessôa, mais tarde Senador do Imperio, palacete hoje Palacio Episcopal.

Travou-se pela noite combate nas ruas da villa, havendo de parte a parte tiroteio cerrado; pela madrugada os rebeldes retiravam-se, deixando no campo quatro mortos e oito feridos.

Antes desses factos, a 8 de Setembro de 1839, o Cel. Joaquim Ribeiro da Silva bateu com cento e setenta homens da guarda nacional de Sobral e de outros municipios visinhos—os balaios que, em numero de 218 homens conduzidos por Pedro Celestino, se tinham entrincheirado no logar Bebedouro.

Esses sediciosos sob o commando de Celestino e de Domingos Ferreira Veras approximavam-se do Ceará para invadil-o. Eram elles tambem conhecidos por Bem-te-vis.

Destroçados pelas forças cearenses em diversos recontros, não ousaram mais apresentar-se em campo.

No tocante a nossa Independencia Nacional, como todo o Ceará, Sobral adheriu com enthusiasmo ao acto que nas margens do Ipyranga determinou a emancipação politica do Brasil, não se dando movimento algum de armas, mesmo por que o elemento luso, que aqui se estabelecêra nessa epocha e aqui se radicara pelos laços de familia, além de diminuto havia adoptado por nova patria a mesma de seus filhos.

Sempre solicitos pelo seu progresso e desenvolvimento, acompanharam seus habitantes o movimento espontaneo e generoso da libertação dos infelizes captivos, emancipando todos os escravos existentes no Municipio em 1883.

Em Junho de 1889, por occasião da visita de S. Altesa o Sr. Conde d'Eu a esta cidade, um grupo de republicanos exaltados publicaram um manifesto em que se apregoavam idêas republicanas.

Foi assignado pelos Srs. Manoel Arthur da Frota, Thomaz Barbosa de Paula, Vicente de Paiva e outros. Foi conhecido pelo *manifesto dos 32.*

A não serem os factos acima relatados, a historia de Sobral não conta outros que falem de luctas, *pronunciamientos* ou revoluções sociaes, politicas ou religiosas, mesmo por ser por demais pacifica a indole dos habitantes, sempre contraria a tudo que venha determinar o desassocego publico e o das familias.

MONUMENTOS PUBLICOS

A cidade, posto que prospera e possuidora de bellos edificios e de magnificas egrejas (1), é pobre de monumentos publicos concernentes a factos historicos; conta, apenas, o pelourinho—symbolo outr'ora da fundação da Villa, erecto em 1773; delle so restam os alicerces que ficam á praça da Sé, junto ao Paço da Camara. No largo do Patrocinio ha um padrão commemorativo do eclypse total do Sol em 29 de Maio de 1919, e alli mandado erigir pelo astronomo Dr. H. Morize, chefe da commissão brasileira de observação.

A IMPRENSA EM SOBRAL

Das cidades do interior Sobral, diz o illustrado Dr. Eusebio de Sousa no artigo «A Imprensa do Ceará em 1918», publicado na Revista do Instituto do Ceará de 1919, Sobral orgulha-se de ser a terra onde vê a luz da publicidade o jornal mais antigo do Estado com o desapparecimento do «Unitario», de propriedade e direcção do Cel. João Brigido.

Trata-se do «Rebate», semanario independente que

(1) Entre os edificios publicos mais importantes: 8 egrejas, sobresahindo d'entre ellas a Cathedral, a do Patrocinio, o Menino Deus; A Casa da Camara; o Theatro; O Asylo; 2 edificios para Cinemas e o da Hygiene Publica; a Cadeia; a Estação da E. F. de Sobral.

entrou no 12.º anno de existencia, tendo como director e proprietario o Sr. V. Loyola que o fundou em 1907. (1).

Ao «Rebate» seguem-se «A Lucta», fundada pelo Sr. Deolindo Barreto em 1915; «A Ordem» pelo Sr. Dr. Plinio Pompeu em 1916, actualmente sob a direcção do Sr. Craveiro Filho; o «Correio da Semana» orgão da Diocese, fundado pelo Rvmo. Pe. José de Lima Ferreira e agora sob a direcção do Rvmo. Pe. Francisco Leopoldo Fernandes Pinheiro, e varias outras revistas litterarias.

A «Federação», redactor o Sr. Adalberto Brigido.

Não é pequeno o catalogo de jornaes havidos em Sobral em epochas diversas. (2)

D'entre os mais notaveis citamos os seguintes:

1.º «O Batel», jornalzinho critico publicado em 1886.

2.º «Calabrote», typ. da «Gazeta de Sobral», 1883.

3.º «A Consciencia» publicado na Typ. Miragaia; literario e critico.

4.º «O Cuz-cuz», publicado nas officinas da «Ordem», de Sobral. 1892.

5.º «Echo de Sobral», periodico literario, critico, noticioso que se publicava sob a direcção de Luiz Filippe Silva

6.º «Estandarte», periodico critico e literario, sahido das officinas do «Sobralense». 1883.

7.º «A Gazeta de Sobral» sob a gerencia de Manoel Arthur da Frota. 1881—1888.

8.º «A Juventude». periodico critico e literario; typ. do «Sobralense».

9.º O «Matuto», typ. do «Sobralense», 1881.

10. «A Ordem», publicada em 28 de Setembro de 1887, sob a direcção e redacção de José Vicente Franca.

11. «A Rabeca», periodico critico e literario, Typ. do «Sobralense». 1883.

---

(1) V. Loyola falleceu a 2 de Novembro de 1919. Com a morte de seu fundador desappareceu o «Rebate».

(2) Vide «Catalogo dos Jornaes publicados em Sobral» pelo Exmo. Sr. Barão de Studart.

12. «O Rebate», typ. do «Rebate». Foram seus primeiros redactores: Dr. Alexis Barbosa, Pe. Fortunato Alves Linhares e V. Loyola.

13. «O Rouxinol», critico, publicado nas officinas da «Gazeta de Sobral».

14. «O Sobral» hebdomadario impresso nas officinas da «Gazeta de Sobral». Redactor Manoel de Castro Paiva. 1897.

15. «Sobralense», publicado aos domingos. A Typ. do «Sobralense» era no Largo da Matriz. Appareceu a 3 de maio de 1874, sob a direcção de José Rodrigues dos Santos, passando em junho á direcção do Rvmo. Pe. João Ramos. Foram ainda seus redactores José Roiz dos Santos (agosto de 1874), Zacharias Thomaz da Costa Gondim (maio de 1873), José Ferreira Lemos (abril de 1876) e José Vicente Franca Cavalcante (1886). Desappareceu em março de 1887.

16. «O Tabyra», jornal politico liberal, publicado na Typ. Constitucional. A essa typographia seguiram-se mais duas; uma chegada em 1881 em que se publicou a «Gazeta de Sobral», e outra chegada em 1887, em que se publicou a «Ordem».

17. «O Viajante», typ. do «Sobralense». 1886.

18. «Zephyro». 1876.

19. «Zigue-Zigue», jornalzinho critico; sahia aos domingos. Typ. do «Sobralense». 1871.

20. «A Cidade». Redactor e proprietario Alvaro Ottoni do Amaral.

21. «O Itacolomy», 1900—1901. Redactor Dr. Waldemiro Cavalcante, passando depois para V. Loyola.

22. «A Mão Negra», de Deolindo Baretto. Critico. Typ. propria. 1912—1913.

23. «A Lucta», de que ja tratámos.

24. «A Ordem».

25. «O Correio da Semana», ja citado.

Troncos genealogicos de algumas familias da Cidade de Sobral e Ribeira do Acarahú.

(Extr. da genealogia da familia Hollanda Cavalcante pelo Capitão mor José de Xerez Furna Uchôa e continuada pelo seu bisneto Capitão Vicente Alves Linhares e pelo Dr. Manoel do Nascimento Alves Linhares, filho deste).

OS XEREZ

D. Ignez de Vasconcellos Uchôa, filha do Capitão-mor Francisco Vaz Carrasco, 2.º marido de Antonia de Mendonça Uchôa, casou duas vezes, a primeira com seu tio Francisco de Xerez Furna, que nasceu em Goyana; este era filho de Bartholomeu Rodrigues Xerez, fidalgo da Casa Real, natural de Lisbôa, e neto de D. João de Xerez, cavalheiro fidalgo de origem hespanhola.

Do matrimonio de D. Ignez de Vasconcellos com Francisco de Xerez nasceram quatro filhos :—José de Xerez Furna Uchôa, auctor de genealogia da familia Hollanda Cavalcanti;—Luiz de Sousa Xerez que se casou com D. Anna Thereza d'Albuquerque, filha de João Lins d'Albuquerque e de D. Rosa Maria d'Albuquerque; —Anna da Conceição Uchôa, que se casou com Manoel Gonçalves Torres, natural de Maranguape, filho do Capitão Manoel Gonçalves Torres e de sua mulher D. Bernarda Sobreira, irmã do Pe. Antonio Gonçalves Sobreira;—Rosalina d'O Mendonça, que se casou duas vezes, a primeira com Gonçalo Ferreira da Ponte, filho de Cosme de Freitas e de sua mulher D. Joanna de Barro Rego, e a segunda vez com o Capitão André José Moreira da Costa Cavalcanti.

Por motivo de saude José de Xerez deixou Goyana e veiu residir na Ribera do Acarahú (Acaracú), sendo nomeado Capitão-mor da villa distincta e real de Sobral, em 30 de Julho de 1782.

Era casado com Rosa de Sá e Oliveira, filha de

Manoel Vaz Carrasco e de D. Maria Magdalena de Sá e Oliveira, paes das sete irmans tam geralmente conhecidas pela tradição como sendo troncos de muitas familias desta Ribeira. Era neto pelo lado materno de Sebastião de Sá, capitão-mor e governador do Ceará em 1678; e pelo lado paterno de Amaro Lopes Madeira, intimo amigo e companheiro de armas de João Fernandes Vieira na guerra contra os Hollandezes.

Do casamento de Xerez com D. Rosa de Sá nasceram sete filhos:—Pe. Miguel Lopes Madeira Uchôa; José de Lyra Pessoa, tronco dos Lyra Pessôa, que se casou com D. Ignacia Cavalcanti d'Albuquerque, filha do Capitão-mor Bento Pereira Vianna e de sua mulher D. Bernarda Cavalcanti d'Albuquerque; Maria José de Mendonça, que se casou com Joaquim Madeira de Mattos; deste matrimonio nasceram dois filhos que foram habitar no Maranhão; um morreu sem successão; o outro casou-se na familia Rodrigues, tendo do seu matrimonio : José de Xerez Uchôa Madeira e Manoel Madeira de Mattos Uchôa, engenheiro militar.

D. Anna America Uchôa que se casou em segundas nupcias com o Capitão-mor Manoel José do Monte—, filho de Gonçalo Ferreira da Ponte.

Do casamento de Anna America com Manoel José do Monte nasceram:—José Ferreira da Costa; Maria Bernardina do Monte; D. Vicença do Monte e Francisco do Monte.

D. Maria Bernardina do Monte casou-se com Phelippe Ribeiro da Silva, filho de Felix Ribeiro da Silva e de sua mulher Maria Alves Pereira, filha de Lucrecia e de Domingos Alves Pereira. De Maria Bernardina do Monte, casada em 1790 com Phelippe Ribeiro nasceu o Cel. Joaquim Ribeiro da Silva que se casou em 1825 com Francisca Hermelina da Silva, filha do Cel. Diogo Gomes Parente e neta pelo lado materno do brigadeiro Manoel da Silva Sampaio (1).

(1) Nota publicada pelo desem. Manoel Moreira da Rocha.

D. Francisca Xavier de Mendonça Uchôa, que se casou com o Tenente Coronel Antonio Manoel do Monte, filho do 1.º matrimonio de Manoel José do Monte, e de sua mulher D. Luiza de Sousa.

D. Mariana de Lyra Pessôa, que se casou com o Capitão Antonio Alves de Hollanda Cavalcanti, filho do Commissario geral Domingos Alves Ribeiro e de sua mulher D. Anna de Sá Cavalcanti d'Albuquerque.

D. Maria Manoela da Conceição Uchôa, que se casou com o major Francisco Antonio Linhares, irmão do Capitão-mor José Alves Linhares, nascendo deste matrimonio—José de Xerez Linhares, que se casou com D. Anna Figueira de Mello, filha do Capitão Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, natural de Pernambuco, e de sua mulher D. Maria do Livramento, filha do Tenente Cel. Manoel Ferreira da Costa e de sua mulher D. Ignez Madeira de Vasconcellos, irmã do Capitão-mor José Alves Linhares e de Francisco Antonio Linhares.

Eram irmãos de D. Anna Figueira de Mello—o Dr. Jeronymo Martianiano Figueira de Mello, o Dr. João Capistrano Figueira de Mello, Francisco das Chagas Figueira de Mello e D. Joaquina Figueira de Mello, que se casou com o Tenente Cel. José Saboya, natural da cidade do Aracaty, avô do Dr. José Saboya d'Albuquerque, Cel. Vicente Saboya d'Albuquerque, Dr. Humberto e Dr. Massillon Saboya d'Albuquerque e do Dr. João Thomé de Saboya e Silva, ex-presidente do Estado.

Antonio Januario Linhares, que se casou trez vezes : a 1.ª com sua prima D. Rita de Vasconcellos, filha de seu parente Joaquim dos Reis Gomes e de sua tia D. Antonia Maria do Espirito Santo, irmã de Francisco Antonio Linhares e de José Alves Linhares: a 2.ª vez com sua parenta D. Maria Jacyntha do Monte: a 3.ª com D. Anna do Monte.

Virissimo Francisco Linhares, que por desgosto de familia retirou-se para a provincia (Estado) de Sergipe, onde deixou descendencia.

D. Maria da Purificação de Vasconcellos Linhares, que nasceu a 2 de Fevereiro de 1793 e se casou no dia 4 de Janeiro de 1809 com seu primo Tenente Cel. Joaquim José Alves Linhares e falleceu no dia 28 de Julho de 1864.

. . . . . .

Em alta conta tinha o Capitão-mor José de Xerez Furna Uchôa a nobreza de sua familia, pois descendia pelo lado materno do Sargento-mor Francisco de Farias Uchôa, filho de Marcos André, fidalgo da Casa Real, e de sua mulher D. Maria de Mendonça Uchôa, irmã do mestre de Campo Gaspar de Sousa Uchôa, fidalgo cavalheiro por Alvará regio de 20 de Abril de 1646.

Descendia dos Goés e Vasconcellos por ser neto de Brites Mendes de Góes e Vasconcellos, mulher de Arnaut de Hollanda filho do Barão de Rhenobourg e da princeza Margarida de Florença, irmã do Papa Adriano VI.

Por morte de sua mãe o Capitão-mor José de Xerez mudou-se do Acarahú para Sobral, passando, porém, a maior parte do tempo no seu Sitio Santa Ursula, sobre a Serra da Meruóca, onde edificou uma magnifica casa, engenho para moer canna e machinismos apropriados á preparação da farinha de mandioca.

Ahi, nessa amena fazenda, introduziu á cultura da parreira, da tamarina, mangueira e de outras arvores fructiferas.

Desejando ver de perto a côrte de França, onde reinava, então, Luiz XV, partiu d'aqui para Lisboa, pela segunda vez em 1743, e, munido de recommendações muito especiaes, conseguiu ser apresentado á Côrte de Versailles. Por intermedio do Duque de Choiseul obteve duas plantas de café das existentes no Jardim das Plantas de Pariz trazidas de Moka por marinheiros hollandezes e offerecidas a Luiz XIV.

Dos dois pés de café trazidos por J. Xerez—um morreu na larga travessia e outro foi plantado pelo proprio Xerez no seu Sitio Santa Ursula em 1747.

Em 1861 este pé de café, não obstante contar mais de 100 annos, ainda carregava bastante (1).

Dessa planta originaram-se quasi todos os cafeeiros do Ceará.

DESCENDENTES DE ARNAUT DE HOLLANDA

E' sabido que Duarte Coêlho Pereira, 1.º donatario de Pernambuco, veiu para essa Capitania em 1535, tomando a nove de Maio do mesmo anno posse de todas as terras, conforme as cartas de Evora por El-Rei D. João III em 24 de Setembro de 1534.

Do formal da Camara de Olinda, em 17 de Março de 1550, consta que Duarte Coêlho trouxe em sua companhia sua mulher, D. Brites d'Albuquerque, seu cunhado Jeronymo d'Albuquerque, e muitos outros homens nobres, entre outros Arnaut de Hollanda, natural de Utrecht, filho de Henrique de Hollanda, barão de Rhenobourg e da princeza Margarida de Florencia, irmã do Cardeal Adriano Florencio Boyer, que occupou a cadeira de S. Pedro em 9 de Janeiro de 1522 com o nome de Adriano VI.

Casou-se Arnaut de Hollanda com D. Brites Mendes de Vasconcellos, filha de Bartholomeu Rodrigues, camareiro-mor do Infante D. Luiz, e de sua mulher D. Joanna de Góes e Vasconcellos, dama da rainha Catharina, mulher de D. João, e prima de D. Brites d'Albuquerque, mulher de Duarte Coêlho.

Do casamento de Arnaut de Hollanda com D. Brites, fallecida em Olinda a 19 de Dezembro de 1620, nasceram os seguintes filhos :

1.º Christovão de Hollanda Vasconcellos, que nasceu em Olinda e morreu a 2 de Junho de 1614. Foi casado duas vezes : a primeira com D. Catharina de Albuquerque, filha de Phelippe Cavalcanti, fidalgo florentino,

(1) Vi-o em 1878, sendo ainda menino. Era dono de Santa Ursula o meu tio major Ivo Francisco Linhares.

e a segunda vez com Clara da Costa. Teve cinco filhos do primeiro casamento e dois do segundo.

2.º Antonio de Hollanda e Vasconcellos que se casou com Philippa de Albuquerque. Teve trez filhos.

3.º Agostinho de Hollanda e Vasconcellos, nasceu em Olinda e falleceu em 1600 na freguesia do Cabo de Santo Agostinho; foi casado com D. Maria de Paiva, filha de Balthazar Leitão Cabral, natural de Evora, em Portugal.

Desse casamento nasceram Balthazar Leitão de Vasconcellos, Agostinho de Hollanda, Joanna de Góes e Brites Mendes (a nova).

Dahi se originaram algumas familias do Ceará.

4.º D. Adriana Hollanda, que se casou com Christovam Lins, que conquistou aos indios Pytiguaras as terras do Porto Calvo.

5.º D. Isabel de Góes, que se casou com Antonio Cavalcanti de Albuquerque, fidalgo florentino. Aqui se encontra a origem da familia Cavalcanti, donde vem o Cardeal Arco-Verde.

6.º D. Ignez de Góes, que se casou com Luiz do Rêgo Barreto d'onde se originou a familia Rego Barreto de Pernambuco.

7.º D. Anna de Hollanda, que se casou com João Gomes de Mello, antigo senhor do engenho «Trapicho do Cabo».

8.º D. Maria de Hollanda, que se casou com Antonio de Barros Pimentel (homem nobre), natural de Vianna. Desse matrimonio procede a familia Barros Pimentel.

*
* *

DESCENDENTES DE AGOSTINHO DE HOLLANDA

Agostinho de Hollanda e Vasconcellos, 3.º e ultimo filho varão de Arnaut de Hollanda e de sua mulher D. Brites Mendes de Góes, nasceu em Olinda e viveu na freguesia do Cabo de Santo Agostinho no principio do seculo XVII (1601).

Foi casado com D. Maria de Paiva, filha do 1.º matrimonio de Balthasar Leitão Cabral, cavalheiro de Christo, descendente de uma das principaes familias de Evora, e de sua mulher D. Ignez Fernandes de Góes.

Do casamento de Agostinho de Hollanda com D. Maria de Paiva nasceram Balthazar Leitão de Paiva e mais 6 filhos. Balthazar serviu com muita bravura na guerra contra os Hollandezes; casou-se com D. Francisca dos Santos França, filha de Gaspar Fernandes França.

Desse matrimonio nasceram 14 filhos, e entre esses D. Maria de Góes, que se casou com Gaspar da Costa Coêlho, capitão de infanteria na guerra hollandeza, fidalgo cavalheiro da casa real e cavalheiro de Christo.

Quatro filhos nasceram desse matrimonio, entre os quaes D. Brites de Vasconcellos, que se casou com Francisco Vaz Carrasco, ordenado depois de viuvo.

Era neto de Sebastião Vaz Carrasco, homem nobre, e de D. Maria da Rocha, e filho de Manoel Vaz Vizeu, commendador da Ordem de S. Bartholomeu e cavalheiro de Christo, e de sua melhor D. Maria da Rocha (a nova).

De D. Brites de Vasconcellos com Francisco Vaz nasceram 5 filhos, entre os quaes Manoel Vaz Carrasco, que se tendo mudado para o Ceará veiu residir na Ribeira do Acarahú, onde era geralmente conhecido pelo pae das sete irmans, das quaes se origina grande numero de familias, que actualmente habitam os municipios de Sobral, Sant'Anna e Acarahú.

Casou-se Manoel Vaz Carrasco duas vezes : a primeira com D. Luiza de Sousa, filha de Sebastião Leitão de Vasconcellos e de sua mulher D. Ignez de Souza; e a segunda vez com D. Maria Magdalena de Sá, viuva de Francisco Bezerra de Menezes, e filha de Nicacio de Aguiar de Oliveira e de sua mulher D. Maria Magdalena de Sá. Do primeiro matrimonio de Manoel Vaz nasceram : Manoel Vaz da Silva, que se casou duas vezes, a 1.ª com D. Maria Bezerra Montenegro, filha do Capitão Philippe Bezerra Montenegro e de sua mulher D. Maria; a 2.ª vez com uma sobrinha do Padre Gonçalo, senhor do Engenho Mississipe. — D. Maria de Góes

que se casou com Nicacio d'Aguiar Oliveira, filho de outro Nicacio d'Aguiar Oliveira e de sua mulher D. Maria Magdalena e Sá.—D. Sebastiana de Vasconcellos que casou-se em Goyana com João Dias Gallego, filho de Domingos d'Aguiar Oliveira e de D. Ignez Montenegro.

Do 2.º matrimonio de Manoel Vaz Carrasco nasceram : Nicacio de Aguiar Oliveira, que se casou na freguesia de Granja com D. Michaela da Silva, filha de Thomaz e de sua mulher D. Nicacia Alves Porto, donde vem a familia Porto, de Granja;

D. Maria Magdalena de Sá Oliveira, que se casou no sertão do Acarahú com Francisco Ferreira da Ponte, que foi Cel. do Regimento de Cavallaria desta Ribeira. Era filho de Gonçalo Ferreira da Ponte e de sua mulher D. Maria dos Barros. D'ahi procedem os Ferreira da Ponte;

D. Ignez Madeira de Vasconcellos, que se casou com o sargento-mor Antonio Alves Linhares, filho do Capitão Dionisio Alves Linhares e de D. Rufina Alves Linhares. Dionisio era natural do Rio Grande do Norte, cavalheiro da Ordem de Christo e por todos considerado como de muito bôa nobreza. O que confirma a sua patente de Capitão-mor registrada no livro das Misselaneas da Ouvidoria Geral de Pernambuco, e descendente de uma nobilissima familia portugueza. Dahi procedem os Linhares, como adiante veremos.

D. Rosa de Sá e Oliveira, que se casou com seu parente Capitão-mor José de Xerez Furna Uchoa, auctor da Genealogia da familia Hollanda Cavalcanti e do qual descendem muitas outras familias.

D. Brites de Vasconcellos, que se casou em 31 de Julho de 1747 com o Capitão-mor José de Araujo Costa, que residia na Ribeira do Acarahú, natural de Santa Lucia de Barcellos, Arcebispado de Braga, em Portugal, filho de Pedro de Araujo e de D. Maria de Sá. Desse matrimonio nasceram 1.º Anselmo de Araujo Costa, que deixou descedencia; 2.º Diogo Lopes de Araujo Costa, homem notavel pelo sua perspicacia medica: dizem as

tradições que elle via atravez das cores branca, encarnada, preta e azul. Delle se contam curas admiraveis; era um verdadeiro discipulo de Hypocrates. 3.º Francisco Xavier de Salles, que viveu na villa de S. Gonçalo da Serra dos Cocos : delle se originam os Salles, os Araujo Costa de Tamboril; 4.º Maria Magdalena de Sá; 5.º Anna Thereza de Jesus, que se casou com seu parente João de Souza Uchoa, filho de Luiz de Souza Uchôa e de Anna Thereza d'Albuquerque, dos quaes descende o Exmo. Rvmo. Sr. Bispo de Sobral D. José Tupynambá da Frota; 6.º D. Francisca de Araujo Costa, que se casou com o Capitão-mor Ignacio Gomes Parente, de nacionalidade portugueza : desse matrimonio procedem os Gomes Parente; 7.º Antonia da Purificação Araujo, que se casou com Paulo Joaquim de Medeiros, da freguesia de Granja; 8.º D. Rita Thereza de Jesus Araujo, que se casou com o Capitão-mor José Alves Linhares; 9.º D. Maria Quiteria de Jesus Araujo, que se casou com Octaviano Ferreira da Ponte.

OS LINHARES

Como vimos, o Capitão-mor Antonio Alves Linhares casou-se com D. Ignez Madeira de Vasconcellos, filha de Manoel Vaz Carrasco e de sua mulher D Maria Magdalena de Sá. Era Antonio Alves Linhares irmão de D. Dionisia Alves Linhares, casada com Domingos da Cunha Linhares; e filhos de Dionisio Alves Linhares e de sua mulher D. Rufina Alves Linhares.

Do casamento de Antonio Alves Linhares com D. Ignez Madeira de Vasconcellos nasceram : 1.º José Alves Linhares que se casou, como ja dissemos, com D. Thereza de Jesus, filha de José Araujo Costa; 2.º Diogo Alves Linhares; 3.º Francisco Antonio Linhares, que se casou, como ja vimos, com sua prima Maria Manuela da Conceição Uchôa, filha do Capitão-mor José de Xerez Furna Uchoa e de sua mulher D Rosa de Sá e Oliveira, filha de Manoel Vaz Carrasco; 4.º D. Ignez Madeira de Vasconcellos, que se casou, como ja foi dito, com o

Tenente Cel. Manoel Ferreira da Costa, filho do Capitão Manoel José do Monte e de sua mulher (1.º matrimonio) D. Luiza de França. D'ahi procedem os Ferreira da Costa, aos quaes se ligam os Saboyas.

José Alves Linhares era filho, como vimos, de Antonio Alves Linhares e de D. Ignez Madeira de Vasconcellos, a primeira filha de Manoel Vaz Carrasco e de D. Maria Magdalena de Sá, e neta pelo lado paterno do Capitão-mor Dionisio Alves Linhares, cavalheiro da ordem de Christo e descendente de uma nobre familia portugueza como se deprehende da patente de José Alves Linhares abaixo transcripta: «Carta patente do Capitão José Alves Linhares registrada no Livro n.º 2, a fl. 120 da Camara Municipal de Sobral. José Cesar de Menezes, do Conselho de S. M. Fidelissima, seu Governador, Capitão General de Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e mais Capitanias annexas: «Faço saber aos que esta carta virem que havendo respeito a José Alves Linhares ser pessôa nobre e abastada de bens, e se achar actualmente servindo o posto de Alferes de Infanteria das Ordemnanças da Villa de Sobral, com bôa satisfação e prompta execução das ordens do Real serviço e achando-se vago o posto de Capitão das Ordemnanças da freguesia da mesma Villa, por promoção de Pedro Ferreira da Ponte á sargento-mor de ditas Ordemnanças e esperar delle pelas obrigações do referido posto se haverá muito como deve, Hei por bem, na Conformidade do Capitulo 2.º do Regulamento deste governo e Carta Regia de 22 de Março de 1766, nomear, como por este nomeio dito José Alves Linhares no posto de Capitão de Infanteria de Ordemnanças da freguesia da Villa de Sobral, de que é Capitão-mor Manoel José do Monte, da Capitania do Ceará Grande, com o qual não haverá soldo algum, mas gosará de todas as honras, graças, franquias, liberdades, privilegios, isenções que lhe logram os Capitães das tropas pagas, como determina a mesma Carta Regia, sem embargo do Dec. de 1766, que

o contrario dispõe. Pelo que ordeno ao Tenente Cel. Governador Interino daquella Capitania e ao sobredicto Capitão-mor por tal o reconheçam, honrem e o estimem conferindo-lhe a posse e o juramento do estylo, de que tomará assento nas costas desta e aos officiaes e soldados, seus subordinados lhe obedeçam e cumpram suas ordens relativas ao Real serviço, assim como devem e são obrigados. Em firmeza do que lhe mandei a presente por mim assignada e sellada com o sinete de minhas armas que se registrará na Secretaria deste Governo, na d'aquella Capitania, Ouvidoria e Camara competente.

Dada e passada nesta Villa do Recife de Pernambuco aos 8 dias do mez de Julho Diogo Velho Cardoso, official maior da Secretaria do Governo a fez. Anno de Nosso Senhor Jesus Christo de 1776. O Secretario do Governo Manoel de Carvalho Paes de Andrade a fez escrever—José Cezar do Menezes».

Casou José Alves Linhares com sua prima D. Rita Thereza de Jesus, filha do Capitão José de Araujo Costa e de sua mulher D. Brites de Vasconcellos, filha de Manoel Vaz Carrasco e de sua mulher D. Maria Magdalena de Sá.

Do casamento de José Alves Linhares com D. Rita Thereza de Jesus nasceram nove filhos, entre esses o Tenente Cel. João José Alves Linhares, que nasceu a 17 de Dezembro de 1785 e falleceu a 28 de Dezembro de 1859.

Foi capitão da 1.ª Companhia do Regimento de Cavallaria de 2.ª linha, por patente Imperial de D. Pedro I de 16 de Setembro de 1829, registrada ás fls. 152 do Livro IV do Reg. da Camara Municipal da então Villa de Sobral, ás fls. 172, Liv. XVI da patente da Secretaria do Estado; as fls. 149 do Livro II das patentes na Secretaria do Supremo Conselho Militar do Rio de Janeiro, as fls. 78 do Livro IV de patentes na Secretaria do Governo do Ceará, e a fls. 10 do Livro 8 de patentes imperiaes, na Ouvidoria Geral da mesma Provincia.

Ultimamente exerceu o cargo de Tenente Coronel da mesma guarda. Foi muitas vezes Vereador e Presi-

dente da Camara Municipal, Juiz Ordinario, Delegado de Policia e sempre eleitor.

Em 1824 prestou relevantes serviços á causa da ordem monarchica, abafando uma grande sublevação dos povos de Meruoca e de outras localidades, amotinadas por Francisco de Paula Cortez, no tempo da intitulada Republica do Equador e em muitas outras occasiões, como a 13 de Junho de 1831 em outra sublevação que houve logar na cidade de Sobral, sempre attendido com o maior respeito e acatamento. Casou com a sua prima D. Maria da Purificação de Vasconcellos Linhares, filha do major Francisco Antonio Linhares e de sua mulher D. Maria Manuela da Conceição Uchôa, filha do Capitão-mor José de Xerez Furna Uchôa. Desse consorcio houve seis filhos que deixaram descendencia, entre elles : Cel. José Camillo Linhares, que foi chefe preponderante do partido conservador em Sobral; Ivo Francisco Linhares, Capitão Vicente Alves Linhares e Joaquim José Alves Linhares.

—O Cel. Joaquim José Alves Linhares casou-se em Fortaleza com a Exmo. Sra. D. Rita Vieira, da familia Vieira de Fortaleza; havendo deste matrimonio 8 filhos, dentre os quaes : Tenente Leopoldo Linhares, Octavio Linhares, dr. Eduardo Linhares, Arthur Linhares, D. Julia Linhares, que se casou com seu parente Joaquim Olympio de Aguiar, D. Amalia Linhares, que em primeiras nupcias se casou com seu primo Vicente Alves Linhares.

—O capitão Vicente Alves Linhares, o segundo auctor da geneologia da familia Hollanda Cavalcanti escripta pelo seu bisavô Capitão-mor José de Xerez Furna Uchôa, casou-se com sua prima D. Felismina I. Linhares, no anno de 1844, filha do portuguez Francisco Machado Freire, sobrinho de Jeronymo Machado Freire, e de D. Quiteria Maria de Jesus, filha do Capitão-mor Ignacio Gomes Parente. Era Machado um dos possuidores do morgado da Cordeira em Portugal; possuidor de muitas fazendas de gado e de grandes cabedaes, tanto em Portugal, como no Brasil. Era

Ignacio Gomes Parente natural de Portugal, Capitão-mor do dlstricto de S. Domingos da ribeira do Acarahú por patente de Luiz da Motta Féo; professo da Ordem de Christo, fidalgo cavalheiro de S. M. Rainha D.ª Maria.

Do matrimonio do Capitão Vicente Alves Linhares com D. Felismina Idalina Linhares, sua prima, nasceram 17 filhos, sobrevivendo 11, dentre os quaes 1.º o Dr. Manuel do Nascimento Alves Linhares, 3.º continuador da Genealogia da familia Hollanda Cavalcanti e que foi na monarchia—moço fidalgo da Casa Imperial; 2.º Cel. Francisco Alves Linhares, que se casou em Baturité com D. Josefa Caracas, de cujo matrimonio nasceram: Dr. Augusto Linhares, Dr. Francisco A. Linhares Filho, actualmente deputado estadoal, Dr. José Linhares, que se casou no Rio com a filha do Dr. Amaro Cavalcanti; Vicente Alves Linhares; D. Maria Augusta Linhares, que se casou com o Dr. Philomeno Ferreira Gomes; D. Beatriz, que se casou com o Dr. Elesbão Velloso; D. Dulce, que se casou com o Tenente Cezar Fonseca; 3.º Vicente Alves Linhares, que se casou com sua prima D. Maria Amalia Linhares, da qual nasceram 6 filhos, dentre elles Mario Romulo Linhares, poeta e literato de merecimento. 4.º Pe. Fortunato Alves Linhares, ultimo filho varão do Capitão Vicente Alves Linhares, que recebeu as ordens sacras a 30 de novembro de 1892, auctor destas «Notas Historicas da Cidade de Sobral».

A' D. Dionisia Alves Linhares, casada com Domingos da Cunha Linhares, 1730, naturaes do Rio Grande do Norte, e que para aqui vieram a convite de seu tio, Capitão-mor Felix da Cunha Linhares, fundador da povoação de S. José, 1718, prendem-se os Rodrigues Lima pelo casamento de sua filha Maria da Soledade com o Capitão Domingos Roiz Lima, natural do Porto e descendente de familias nobres. Desse tronco descendem Monsenhor Diogo José de Sousa Lima, o Exmo. Sr. D. José Tupynambá da Frota, Dr. José Austregesilo Roiz Lima, Dr. Francisco Pothier R. Lima, Dr. Antonio Plutarcho R. Lima; aos Rodrigues Lima se pren-

dem os Coêlhos pelo casamento de D. Bernardina do Monte, filha de José Rois Lima e de D. Thereza de Jesus, neta do Capitão-mor Matheus Mendes de Vasconcellos e de sua mulher D. Maria Ferreira Ponte, tronco da familia Mendes, com José Gomes Coêlho, natural de Portugal.

Ainda de D. Dionisia Alves Linhares descende a familia Frota pelo casamento de Phelippe Gomes da Frota, natural do Rio grande do Norte, com sua filha D. Josefa Maria de Jesus.